

### **Comando da NATO em Portugal adapta-se a mundo em mudança**

Reis Rodrigues

As novas condições da segurança internacional - a maior probabilidade de crises regionais em vez de uma crise global, por exemplo - obrigaram a NATO a repensar a sua organização. O Comando NATO instalado em Portugal também alterou o seu estatuto.

A 1 de Setembro de 1999, culminando vinte meses de estudos e negociações multilaterais a nível político e militar para adaptação da estrutura de comandos da NATO às novas condições de segurança internacional, o Comando NATO instalado em Portugal desde 1967, alterou o seu estatuto, pela segunda vez na sua história, para passar a ser um dos novos cinco Comandos Regionais da Aliança, com a designação de CINCSOUTHLANT (Comando-em-chefe da Área Sul do Atlântico).

As razões desta alteração, a sua dimensão e significado, ainda que empreendidas num contexto essencialmente NATO, têm um interesse nacional que me parece pertinente ter presente. É nesta perspectiva que este texto foi redigido, aproveitando a experiência acumulada com o recente desempenho do comando do CINCIBERLANT durante os últimos dois anos da sua existência, e do comando do CINCSOUTHLANT na sua fase inicial, acompanhando todo o processo de transição. Trata-se, no entanto, nos aspectos não factuais, de uma interpretação pessoal da situação.

Entre outros de menor importância, três aspectos novos desempenharam um papel decisivo na reestruturação dos comandos NATO; em primeiro lugar, a maior probabilidade de aparecimento de crises regionais face à possibilidade, que passou a ser remota, de uma crise a nível global que envolvesse a Aliança; em segundo lugar, a implementação do conceito de CJTF e, finalmente, a criação de condições para um mais fácil desenvolvimento da ESDI, disponibilizando meios e capacidades para eventuais actuações num quadro europeu.

Pretendia-se igualmente uma estrutura mais simplificada, e que em vez de estar desenhada para um determinado cenário específico, como acontecia no passado, tivesse a flexibilidade necessária para se adaptar a uma variedade de situações; uma estrutura que fosse mais integradora das capacidades dos ramos, mais multinacional, permitindo um maior grau de descentralização na execução sem prejuízo de um controlo central e, sobretudo, com um menor desenvolvimento vertical, isto é, com menos escalões de comando. Neste último caso, a ideia era evitar estruturas excessivamente hierarquizadas que, além de desnecessariamente dispendiosas, constituem um obstáculo ao oportuno e transparente fluxo de informações para um rápido e consistente processo de tomada de decisão.

Em função destes objectivos decidiu-se que o número de escalões hierárquicos se deveria limitar a um máximo de três e que o foco principal das actividades da NATO passasse a ser dos Comandos Regionais, o 2º desses escalões, em que o CINCSOUTHLANT passou a inserir-se. Consequentemente, passou a caber a estes comandos a responsabilidade de fazer a ponte entre o nível de decisão estratégico, em que se situa o SACLANT e o SACEUR, e o nível táctico de execução, assegurando o essencial da condução das operações na sua região e garantindo o

emprego conjunto de meios e capacidades que lhes estiverem atribuídos para a consecução dos objectivos estabelecidos pelo correspondente comando estratégico.

Paralelamente, foram adoptados alguns novos conceitos de que menciono, em primeiro lugar, a decisão de reduzir drasticamente o papel que até então desempenhava a delimitação, por linhas de fronteiras rígidas, das áreas de responsabilidade dos diversos comandos. O que, na realidade, correspondia apenas a considerações de ordem política sem relevância operacional. Enquanto que, no caso do SACLANT, esta decisão foi levada ao extremo de se abolir totalmente as linhas de fronteira internas entre os comandos subordinados, no caso do SACEUR, a eliminação só se verificou para baixo do nível dos Comandos Regionais e manteve-se, infelizmente, sem razões óbvias para isso, uma linha de divisão de responsabilidades entre os Comandos Estratégicos.

Simultaneamente, a NATO adoptou o conceito de que a eventual delimitação futura de áreas de operações será apenas função dos requisitos operacionais específicos de cada caso particular, através da activação de "joint operating areas", limitadas no tempo, espaço e finalidade, garantindo-se assim uma flexibilidade e transparência que a rigidez do esquema anterior não permitia.

O segundo aspecto inovador consistiu na introdução dos conceitos de comando "apoiado" e comando "apoiantes", que, aplicáveis em qualquer escalão da hierarquia, foram desenhados para facilitar a utilização de recursos dispersos, permitindo concentrar os esforços em função das necessidades concretas de cada situação particular, independentemente da entidade a que estão habitualmente atribuídos; isto é, aumentando a permeabilidade entre as diferentes instituições da Aliança a favor de uma unidade de esforço sem prejuízo da preservação das suas identidades.

Em termos muito simples, enquanto o comando "apoiado" é o que tem a responsabilidade primária pela tarefa atribuída pela autoridade superior, ao comando "apoiantes" compete essencialmente desenvolver e executar um plano de apoio, sob a coordenação do primeiro.

Finalmente, foi também introduzido o conceito de "component commander", para cada um dos tipos de ramos - naval, terrestre e aéreo - responsável pelo planeamento do emprego dos respectivos meios, ao nível de cada região.

No entanto, a aplicação de todos estes novos conceitos e orientações na reformulação das estruturas do SACLANT e do SACEUR, processou-se com algumas variações. No caso do SACLANT foi possível adoptar uma organização com um ainda menor desenvolvimento vertical, sem qualquer escalão de comando abaixo dos comandos regionais e sem a designação de "component commanders" - excepto para submarinos - mas, por outro lado, com um maior alargamento horizontal, isto é, com três comandos regionais em vez de apenas dois da estrutura europeia.

Atribuo à caracterização geo-estratégica da área de operações do SACLANT a primeira e mais importante justificação para essas diferenciações na aplicação dos novos conceitos.

Contrariamente ao que sucede no SACEUR, na área ACLANT não se colocam problemas de defesa de fronteiras terrestres; sendo uma área fundamentalmente marítima. As eventuais ameaças à soberania e independência, nomeadamente no caso de Portugal, ainda que presentemente muito remotas, antes de se porem em termos de invasão ou de violação da integridade territorial, terão que ser encaradas sob a perspectiva do risco da perda de controlo de acessos vitais e da liberdade de

movimentos através das fronteiras marítimas, de que dependem reabastecimentos vitais.

Como já sucedia anteriormente, estas circunstâncias não puderam deixar de se repercutir na organização adoptada para os quartéis gerais da área ACLANT, na caracterização e organização da sua estrutura de forças - em especial a sua principal componente, a STRIKFLTLANT, eventualmente a operar agora na modalidade de uma "sea-based" CJTF. Este tipo de força, pela facilidade de integração, na sua própria estrutura, de capacidades de diversas proveniências em função da cada situação específica tem uma flexibilidade e auto-suficiência que dispensa estruturas intermédias para além do apoio dos comandos regionais, no papel de comandos "apoiantes".

Como último, mas nem por isso menos relevante aspecto esclarecedor das alterações adoptadas, lembro que, ainda que não se tenham alterado os limites da área geral da NATO, a verdade é que o conceito de um único e bem localizado inimigo, que presidiu à sua definição original, está ultrapassado. Pelo que há que decidir, caso a caso, como manter à distância os riscos e focos de instabilidade que possam afectar a nossa segurança.

Cresceu, assim, a importância das operações "fora de área" para a promoção da paz e estabilidade, estando a estrutura do SACLANT especialmente vocacionada para esse efeito, pela própria natureza dos meios que lhe estão atribuídos, em termos de resposta rápida, mobilidade e sustentação, e em que os comandos regionais podem ter um importante papel a desempenhar na respectiva área de interesse. Destaco, no caso do CINCSOUTHLANT, desde logo, a promoção do "Diálogo do Mediterrâneo", em especial com Marrocos e a Mauritânia, e o aproveitamento das potencialidades que existem na nossa área para um relacionamento com o sul.

No seu conjunto, as orientações para a concretização da nova estrutura tiveram, no caso do CINCSOUTHLANT, importantes implicações na organização até então adoptada. Em primeiro lugar, a ausência de qualquer escalão de comando abaixo do nível regional exigiu a extinção dos "Islands Commanders" Açores e Madeira, cujas funções foram absorvidas pelo CINCSOUTHLANT. Obrigou também a alterações no modo de inserção do comando de defesa aérea - COMPOAIR - assegurado pela Força Aérea, o qual passou a ter duas componentes: uma, sob a forma de "entidade aérea" integrada na estrutura do CINCSOUTHLANT, para assegurar as capacidades de comando e controlo de operações aéreas na parte sudeste da área ACLANT; a outra, para garantir o funcionamento de um centro de controlo de operações aéreas - CAOC Monsanto - órgão que, no âmbito da defesa aérea integrada da Europa, depende também do SACEUR.

Em termos de estrutura interna, para além de alguns arranjos visando proporcionar melhores condições de funcionamento, alargou-se o número de países participantes de quatro para nove, para responder ao requisito de uma maior multinacionalidade, e incorporou-se uma célula especialmente designada para incrementar o relacionamento e colaboração com países integrados na Parceria para a Paz, incluindo um representante da Roménia e um representante da Bulgária. Paralelamente, criou-se uma nova divisão de operações terrestres e incluíram-se elementos da mesma área operacional nas restantes divisões, o que tornou o CINCSOUTHLANT o comando mais integrado de toda a estrutura ACLANT. Criou-se assim uma capacidade de planeamento operacional conjunto em condições de transitar, em caso de necessidade, através de reforços, para uma efectiva capacidade de comando e controlo.

Dentro deste contexto, antevejo para o CINCSOUTHLANT, para além de funcionar

como garante de um conhecimento especializado da parte sueste da área ACLANT, três tipos principais de modalidades de actuação, a saber:

1 - o desempenho das funções de comando "apoiantes" de uma CJTF, numa situação de crise de alta intensidade, ao nível da STRIKFLTLANT, quer exercendo funções de um dos seus "component commander", quer fornecendo módulos especializados (por exemplo, comunicações, logística, saúde, etc.);

2 - o desempenho das funções de comando "apoio", numa situação de conflito de mais baixa intensidade, em que o CINCSOUTHLANT assumiria o comando de uma "Task Force", eventualmente à volta da STANAVFORLANT que, para esse efeito, tem vindo a ensaiar uma dimensão mais alargada pela incorporação de um elemento anfíbio; outros comandos regionais garantiriam os apoios complementares eventualmente necessários;

3 - finalmente, o desempenho de funções de "force commander", num quadro de apoio a operações a levar a cabo apenas no contexto europeu, conforme previsto no Conceito Estratégico da NATO e nos próprios termos de referência do Comandante-Chefe.

Prevejo também que, de acordo com a estrutura de funcionamento prevista, a primeira modalidade seria também, em termos NATO, o arranjo básico para a eventualidade de uma situação do artigo 5º afectando o território nacional, com o SACEUR a funcionar como comando "apoiantes" do SACLANT, e com o comando das operações terrestres organizado, sob o método directo, por delegação no comando nacional da correspondente estrutura de força.

Em resumo, através da reestruturação interna entretanto empreendida e com as modernas e eficientes condições de comando e controlo ao seu dispor, o CINCSOUTHLANT encontra-se hoje suficientemente bem equipado e organizado para desempenhar sem limitações as importantes tarefas de que está incumbido como um dos cinco Comandos Regionais da Aliança Atlântica.

## **SIGLAS**

**ACLANT** - Allied Command Atlantic (Comando Aliado do Atlântico)

**CJTF** - Combined Joint Task Forces (Forças Operacionais Combinadas)

**CINCIBERLANT** - Commander-in-Chief Ibero-Atlantic (Comandante-em-Chefe Ibero-Atlântico)

**CINCSOUTHLANT** - Commander-in-Chief South Atlantic (Comandante-em-Chefe do Atlântico Sul)

**ESDI** - European Security and Defence Identity (Identidade Europeia de Segurança e Defesa)

**SACEUR** - Supreme Allied Command Europe (Comando Supremo Aliado da Europa)

**SACLANT** - Supreme Allied Command Atlantic (Comando Supremo Aliado do Atlântico)

**STANAVFORLANT** - Standing Naval Force Atlantic (Força Naval Permanente do Atlântico)

**STRIKFLTLANT** - Striking Fleet Atlantic (Frota de Ataque do Atlântico)